

A PECUÁRIA LEITEIRA REAGINDO AO MERCADO COMPETITIVO¹

Inadilza Medeiros da Silva Almeida²

1 - INTRODUÇÃO

O setor leiteiro brasileiro encontra-se animado com a atual conjuntura do País. Depois do Plano Real, a estabilização econômica deu oportunidade para que o produtor pudesse planejar e avaliar sua atividade com maior precisão. Dessa forma, existe a expectativa de maior produção de leite para o ano que se inicia, devido, entre outros itens, à certeza do crescimento da demanda, ao retorno dos programas sociais de distribuição de leite para população carente, aos estoques de leite em pó que estão baixos, e à alíquota de importação que talvez não tenha a redução solicitada pela indústria.

No intuito de constatar a presença destas expectativas no setor leiteiro paulista apresentam-se a seguir algumas estatísticas que identificam a situação da atividade nos últimos anos.

2 - O SETOR LEITEIRO EM SÃO PAULO

O Estado de São Paulo fechou o ano de 1994 com uma área de pastagem de 10,9 milhões de hectares, apresentando crescimento de 3,8% em relação ao ano anterior. Esta extensão de área é formada por 80% de pastagem cultivada e o restante por pastagem natural, segundo dados do Instituto de Economia Agrícola/Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (IEA/CATI). Em 1994, enquanto a área de pastagem natural foi reduzida em torno de 3,5%, a cultivada cresceu em 5,8%, comparada aos totais de 1993. Nota-se que, na última década, houve um declínio na extensão da área de pastagem natural, em oposição ao crescimento gradativo da pastagem cultivada (Figura 1). A eficiência na produção leiteira

é uma exigência atual a qual o produtor não pode ficar alheio e a alimentação correta de melhor qualidade é um dos principais fatores concorrentes para a elevação da produtividade do rebanho leiteiro.

O rebanho bovino do Estado de São Paulo apresentou um total de 12,6 milhões de cabeças em 1994, sendo que 48%, aproximadamente, são constituídos de animais específicos para a pecuária leiteira, dividido em duas formas: 2,4 milhões de cabeças do tipo gado de leite e 3,6 milhões de gado misto. A soma desses dois tipos mostrou um crescimento de 3,7% em 1994, quando comparado a 1993. Individualmente, o rebanho de gado misto aumentou em 17,7% e o destinado à produção de leite diminuiu em 12,5%, no mesmo período (Figura 2).

Nos últimos dez anos, a produção de leite "Tipo C" tem participado com cerca de 80% do total produzido no Estado de São Paulo, que foi de aproximadamente 1,9 bilhão de litros em 1994. O restante refere-se à produção de leite "Tipo B" (369,8 milhões de litros), já que a produção do "Tipo A" não é tão expressiva. Percebe-se uma tendência de crescimento da produção de leite no Estado de São Paulo, a partir da década de 90, para o leite C e de 1989 para o leite B. Em todo o período as taxas de crescimento positivas são mais frequentes para o "Tipo B". O maior volume apresentado pelo "Tipo C" aconteceu em 1993, com 1,7 bilhão de litros, e o "Tipo B" ocorreu em 1992 com 420,6 milhões, logo após a liberação do preço do leite.

Em 1994, por sua vez, nota-se uma queda na produção de leite de cerca de 12,1% (Tipo C) e de 7,2% (Tipo B) em relação ao volume produzido no ano anterior. O patamar atingido pelo leite B é menor do que os registrados nos três anos anteriores, porém é bem superior aos volumes

¹Este artigo faz parte do projeto SPTC 16-023/90.

²Economista, MS, Pesquisador do Instituto de Economia Agrícola.

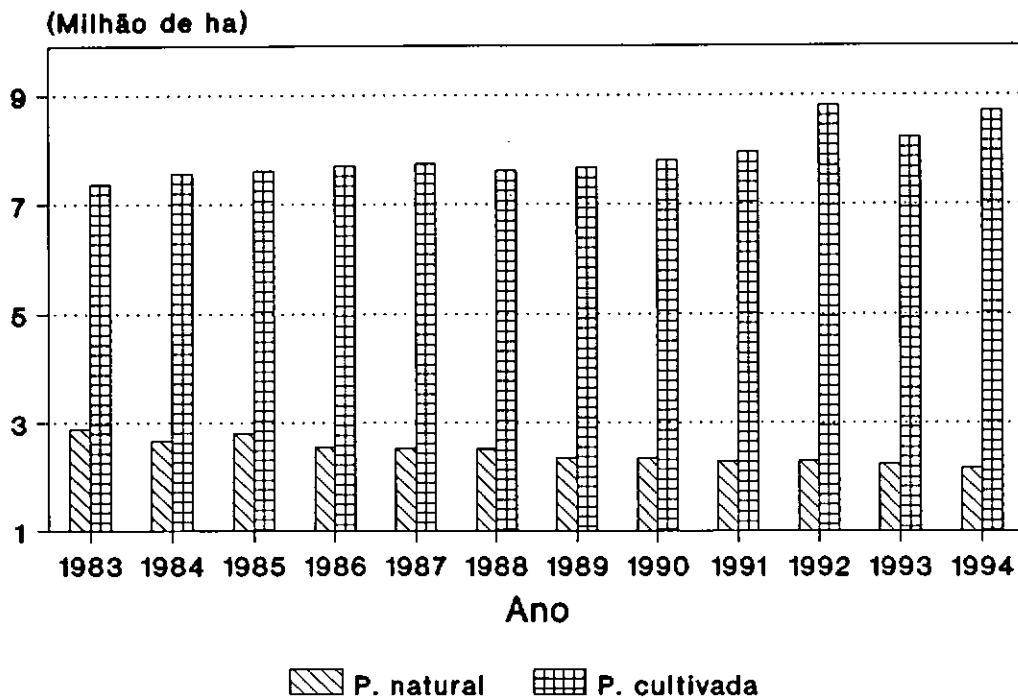


FIGURA 1 - Evolução das Pastagens, Estado de São Paulo, 1983 a 1994.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral.

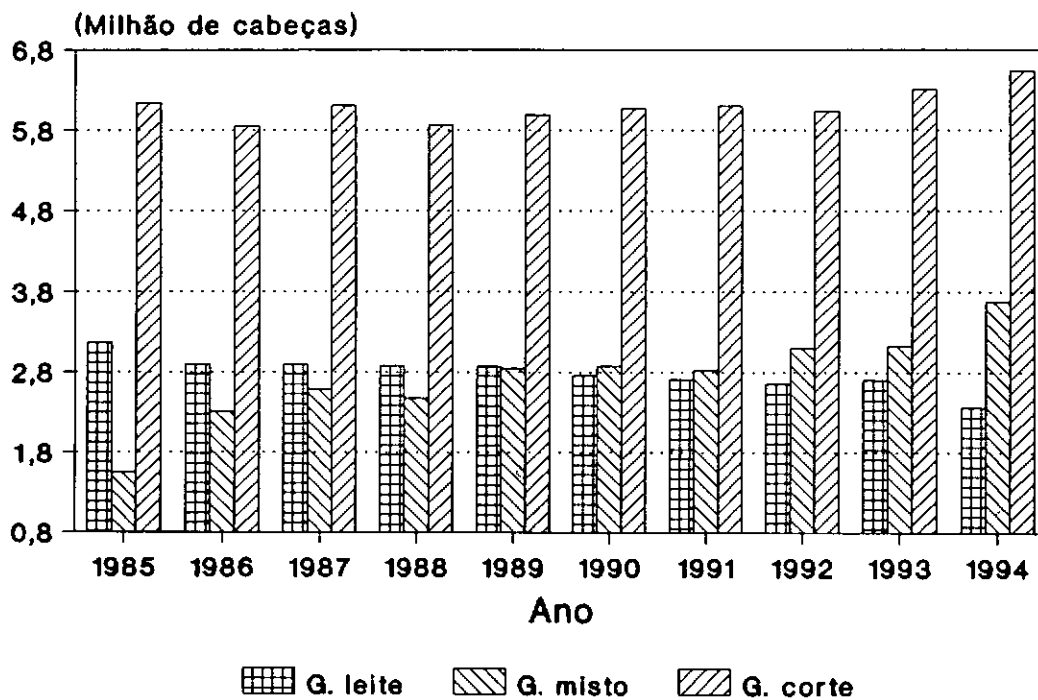


FIGURA 2 - Evolução do Rebanho Bovino, Estado de São Paulo, 1985 a 1994.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral.

produzidos nos primeiros anos do último decênio. Para o "Tipo C" o patamar atingido de 1,5 bilhão de litros só não é superior ao total verificado em 1993. Todavia, o ano de 1993 foi considerado atípico, pois o clima bastante favorável ocasionou pastagem abundante por um período maior que o usual. Isso beneficiou principalmente o produtor de leite C, que é o maior dependente das pastagens (Figura 3).

De maneira oposta, 1994 também foi considerado atípico. A estiagem verificada no final do primeiro semestre retardou a temporada de safra da atividade, comprometendo de maneira diferenciada as principais áreas de pastagem do Estado. Todavia, apenas o segundo semestre do ano é que ficou prejudicado, pois no levantamento de junho de 1994, realizado pelo IEA/CATI, o volume produzido de leite "Tipo C" foi cerca de 8,1% superior ao apresentado no mesmo período do ano anterior e o "Tipo B" também subiu em 5,8%. Mas, no levantamento de novembro de 1994, estes apresentaram reduções de 12,7% e 7,2%, respectivamente, quando relacionado ao mesmo período de 1993.

Os níveis dos preços recebidos pelos produtores em 1994 são os menores apresentados nos últimos anos. De certa forma a evolução dos preços nesse período não acompanhou a sazonalidade da produção paulista, onde na entressafra os preços tendem a subir e vice-versa na época da safra. Destaca-se também que as oscilações mensais nos preços recebidos são menos acentuadas do que nos anos anteriores. A produção paulista de leite caiu no segundo semestre de 1994, mas os preços recebidos pelos produtores não apresentaram aumentos relevantes (Figura 4). Isso ocorreu porque a oferta do produto manteve-se estável no mercado, devido à ação conjunta ou individual dos seguintes fatores: 1) a demanda de produtos lácteos (principalmente leite fluido) continuou reprimida, chegando a recuar; 2) as indústrias desovaram seus estoques; e 3) as mesmas recorreram às importações.

Na procura por alternativas para estimular a pecuária leiteira, o sistema de bonificação pela qualidade do leite, que vem sendo praticado por algumas cooperativas no Estado de São Paulo, tem apresentado resultados positivos e animadores para o setor. Praticando um sistema eficiente de premiação é possível aumentar a produção dos fornecedores, reduzir o volume de leite ácido na plataforma e obter

teor de gordura mais elevado, que incrementam a fabricação de outros subprodutos.

Verificando as planilhas de custos para a produção de leite em São Paulo, elaboradas pelo Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite, da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (CNPGL/EMBRAPA), percebe-se que nos últimos anos existe uma tendência de queda nos custos menos acentuada do que a verificada nos preços recebidos pelo produtor de leite C e B. Com raras exceções, os níveis de preços ao produtor apresentaram-se sempre abaixo dos níveis atingidos pelos custos totais e acima dos custos variáveis, chegando em algumas épocas a perder até para o custo variável (mais freqüente para leite C). Em fevereiro de 1995 enquanto os preços sofreram reduções reais de 5,2% (Tipo C) e de 4,6% (Tipo B) os custos totais mostraram reduções de apenas 1,4% para ambos os produtos, em relação a janeiro (Figura 5).

Apesar destas planilhas de custos estarem sofrendo uma revisão em março, pois membros do setor alegam que as mesmas já não mostram a realidade da produção leiteira paulista, já que existem formas mais eficientes de se produzir leite, até o momento serviam como balizadoras para a formação dos preços para o setor.

A valorização contínua nos preços das matrizes especializadas de leite, a partir de setembro, é resultado do Plano Real e da perspectiva de valorização do leite. A demanda por estes animais cresceu, em 1994, comparada com 1993, e permanece aquecida ainda no início do corrente ano. Mesmo com as liquidações verificadas no ano passado, o mercado está forte, com crescente entrada de novos interessados na atividade. Sem sombra de dúvida, a modernização da atividade percorrerá o caminho da redução gradativa do rebanho leiteiro em oposição ao ganho de produtividade por vaca, já que é grande a necessidade de investimentos tecnológicos constantes no manejo e na alimentação. Com o atual regime de mercado livre, muitos produtores abandonarão a atividade, permanecendo apenas os considerados profissionais.

Segundo dados publicados pelo IEA/CATI, nos últimos anos, o mercado de matrizes leiteiras apresenta uma tendência de crescimento mais acentuada para vacas cuja produtividade está acima de 10 l/dia. A mais alta cotação do período correspon-

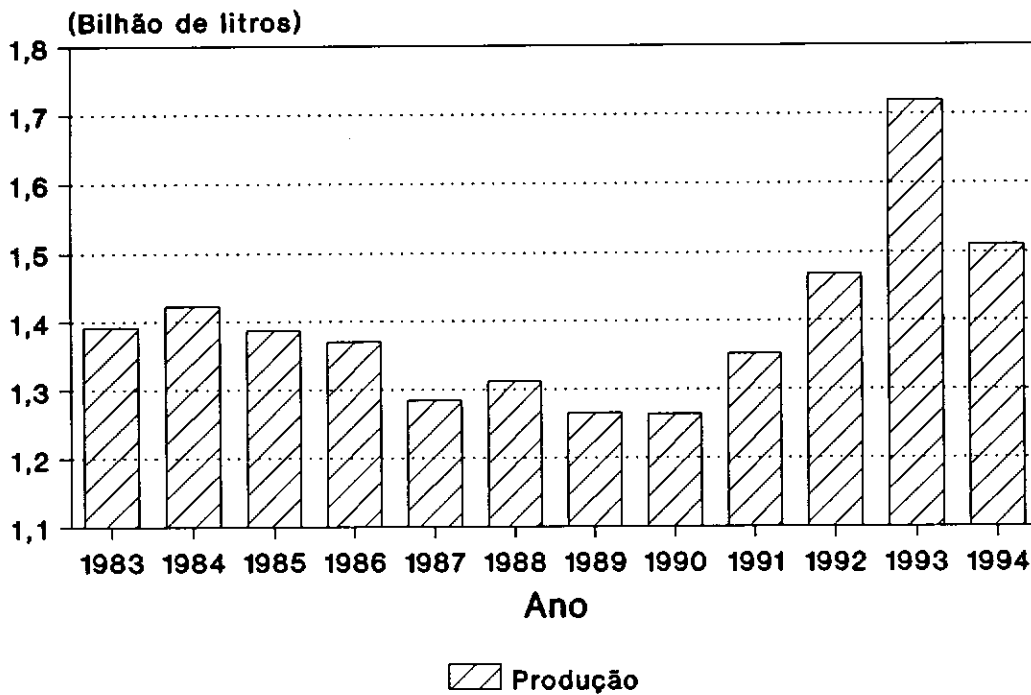


FIGURA 3 - Evolução da Produção de Leite C, Estado de São Paulo, 1983 a 1994.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral.

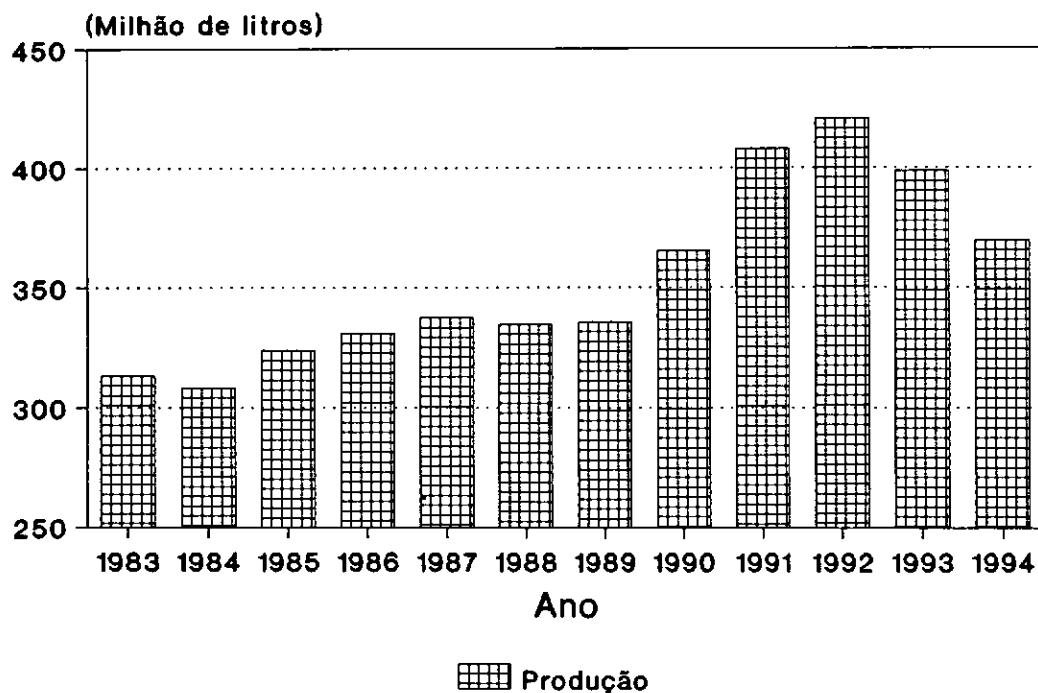


FIGURA 3 - Evolução da Produção de Leite B, Estado de São Paulo, 1983 a 1994.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral.

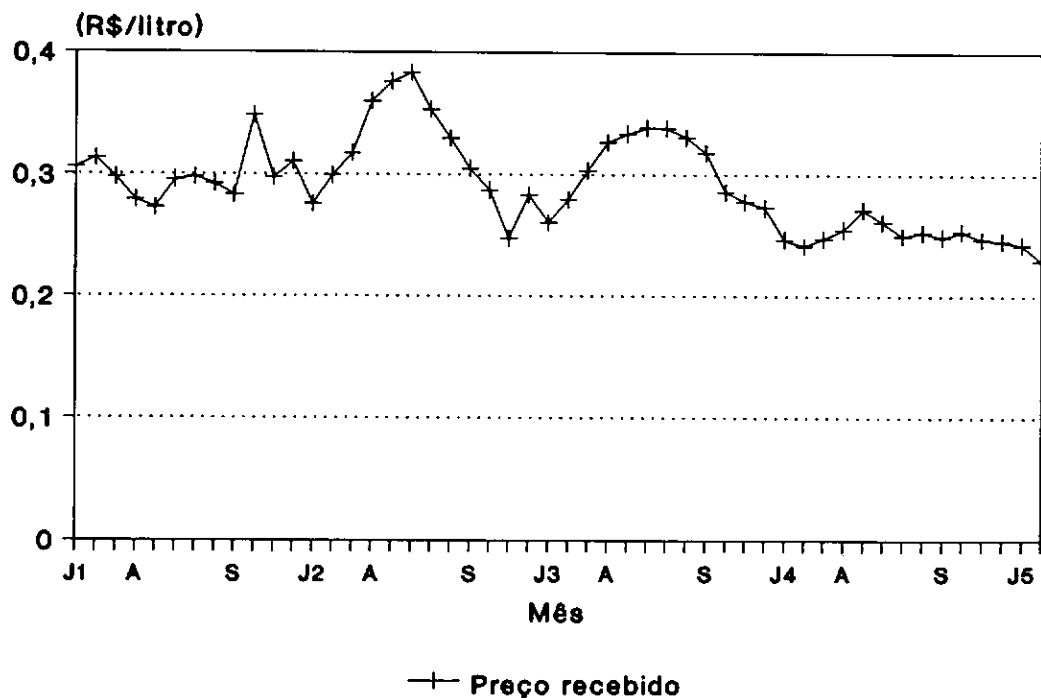


FIGURA 4 - Evolução Mensal do Preço Recebido pelo Produtor de Leite C, Estado de São Paulo, 1991 a 1995.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral.

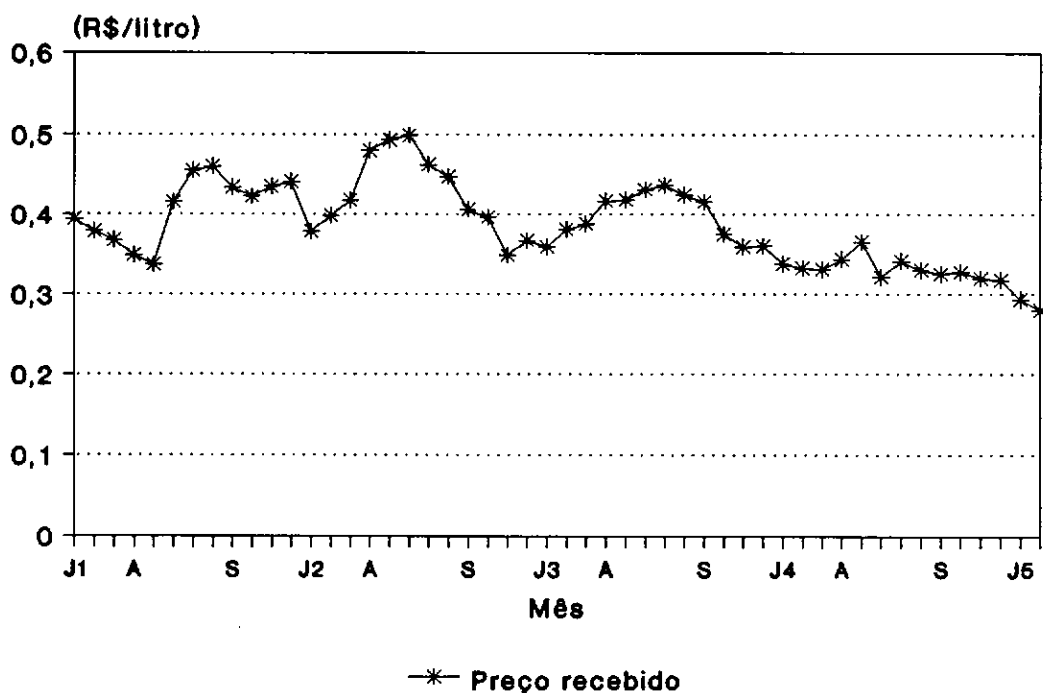


FIGURA 4 - Evolução Mensal do Preço Recebido pelo Produtor de Leite B, Estado de São Paulo, 1991 a 1995.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral.

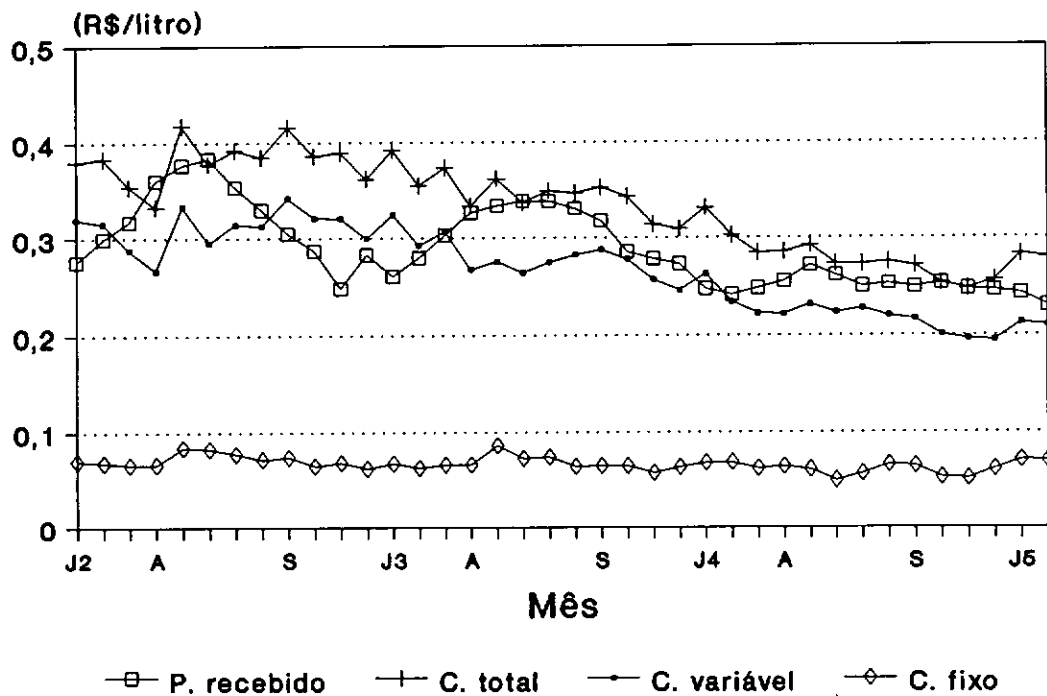


FIGURA 5 - Preços e Custos Mensais do Leite C, Estado de São Paulo, 1992 a 1995.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral.

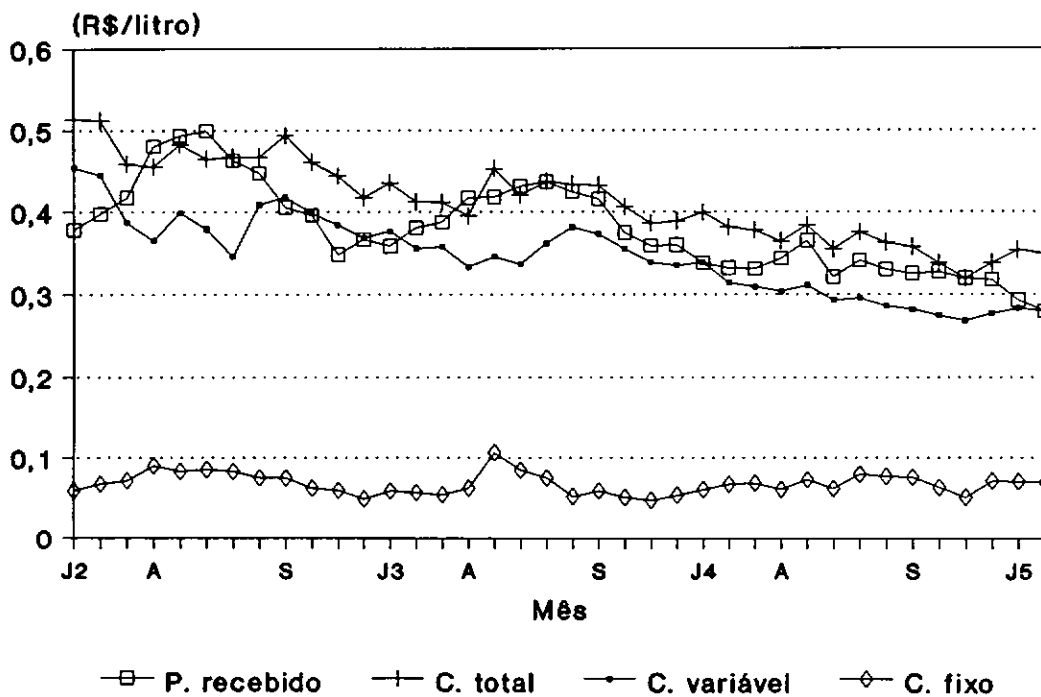


FIGURA 5 - Preços e Custos Mensais do Leite B, Estado de São Paulo, 1992 a 1995.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral.

deu a novembro de 1994, e apesar das reduções verificadas nos meses seguintes, os preços ainda são maiores do que os praticados nos mesmos períodos dos anos anteriores. Em fevereiro de 1995 as matrizes tiveram cotações inferiores às apresentadas no final do ano (dez./94), mostrando quedas reais de 14,6% para vaca com produtividade até 5 l/dia e de 16% para a de mais de 10 l/dia (Figura 6).

Quando se relacionam os preços recebidos com os praticados no varejo, percebe-se uma acentuada queda na margem do produtor de leite. Nos últimos anos, os preços do varejo têm mantido uma tendência estável ao contrário dos preços ao produtor que estão decrescendo. Depois da liberação do preço do leite (ago./91), os preços ao produtor passaram a oscilar em torno de R\$0,30/l (Tipo C) e R\$0,40/l (Tipo B), enquanto os preços ao consumidor chegaram a ultrapassar a casa dos R\$0,70/l e R\$0,80/l, respectivamente. No decorrer de 1994 as oscilações nos preços ao produtor são menores que as dos anos anteriores, porém ainda mantêm a tendência de queda (Figura 7).

Depois da liberação do preço do leite o salário mínimo não acompanhou a valorização do produto no varejo. Dessa forma, quando é estabelecida uma relação entre esses elementos percebe-se um grande declínio no poder de troca do salário em relação ao leite. No início do período, um salário conseguia comprar cerca de 250 litros de leite C e ultimamente este índice não passa de 140 litros. Os dois últimos anos apontam uma pequena reação no poder de compra do consumidor, quando comparado a 1992. No decorrer de 1994 as oscilações apresentaram-se com menores amplitudes do que as verifi-

cadas em anos anteriores. Após o real (jul./94) houve uma maior estabilidade deste índice com leve crescimento em janeiro e depois uma nova queda (Figura 8).

Está ainda em vigor a taxa de 35% para o leite em pó importado com preços subsidiados nos países de origem. A indústria, por sua vez, alega que está com estoques baixos, que o consumo de produtos lácteos aumentou e que os custos de produção do leite também aumentaram. Do outro lado, o setor primário afirma que caso a regra seja mudada haverá prejuízo para o produtor brasileiro, não beneficiará o consumidor e, conseqüentemente, a atividade leiteira recuará no caminho da busca para sua modernização.

3 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O otimismo do setor para 1995 só não é completo porque existe preocupação com preço ao produtor, que permanece estável, sem crescimento, enquanto os insumos continuam sendo majorados. Espera-se que, a partir de maio com a correção do salário mínimo, o leite e seus derivados sejam beneficiados com o aumento do consumo. O principal objetivo, todavia, é aumentar a produtividade do rebanho e reduzir os custos. Para tanto, o Governo precisa dar condições de trabalho ao produtor brasileiro, fazendo-o sentir estimulado a investir na atividade. A principal questão, portanto, não é que o preço recebido suba, mas que os preços dos insumos se reduzam ou pelo menos se estabilizem.

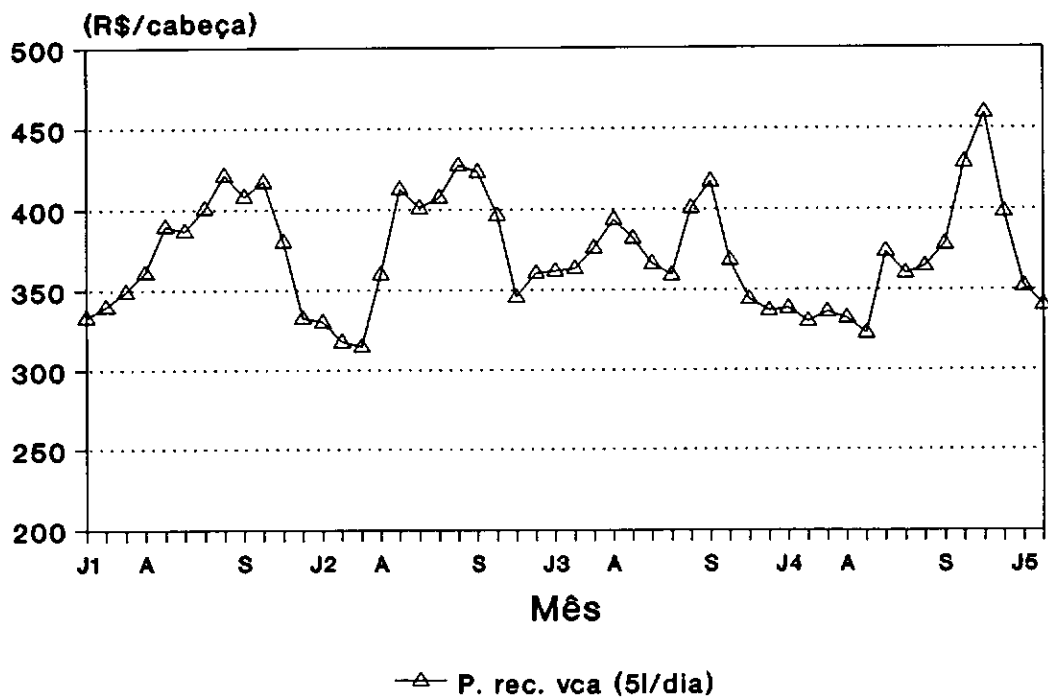


FIGURA 6 - Preço Mensal da Matriz Leiteira, Estado de São Paulo, 1991 a 1995.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

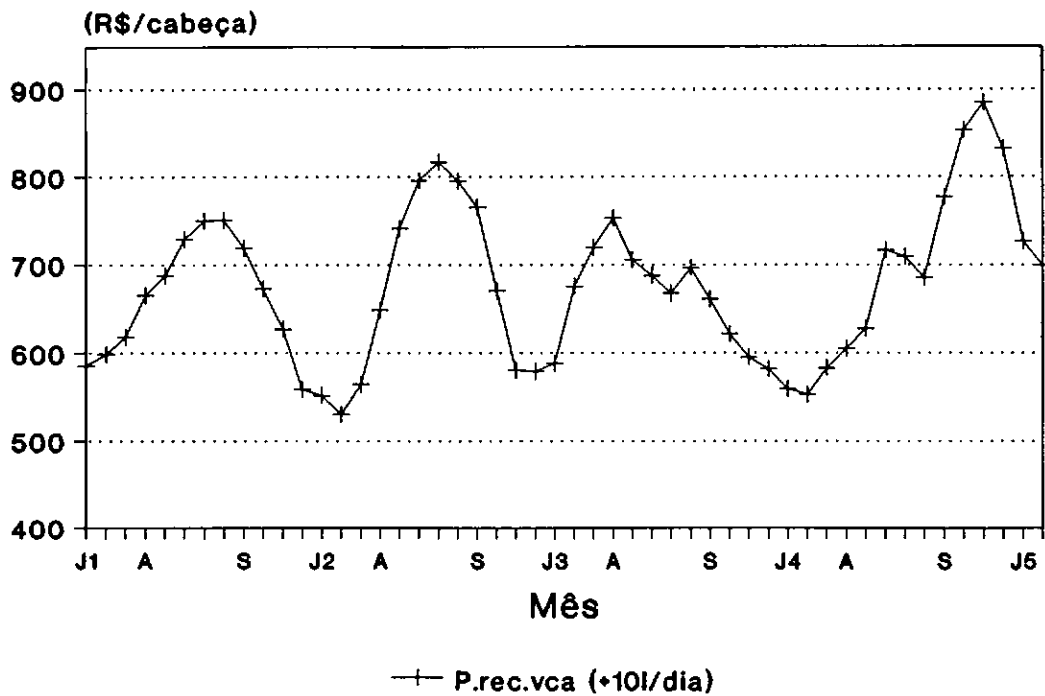


FIGURA 6 - Preço Mensal da Matriz Leiteira, Estado de São Paulo, 1991 a 1995.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.

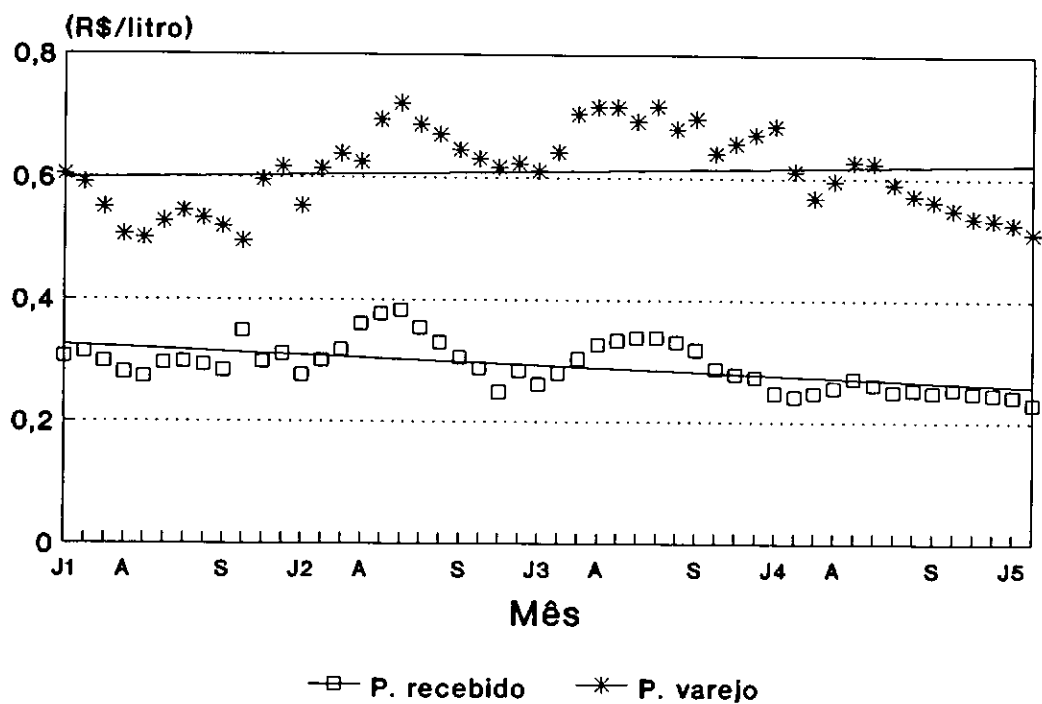


FIGURA 7 - Tendência Mensal dos Preços do Leite C, Estado de São Paulo, 1991 a 1995.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral.

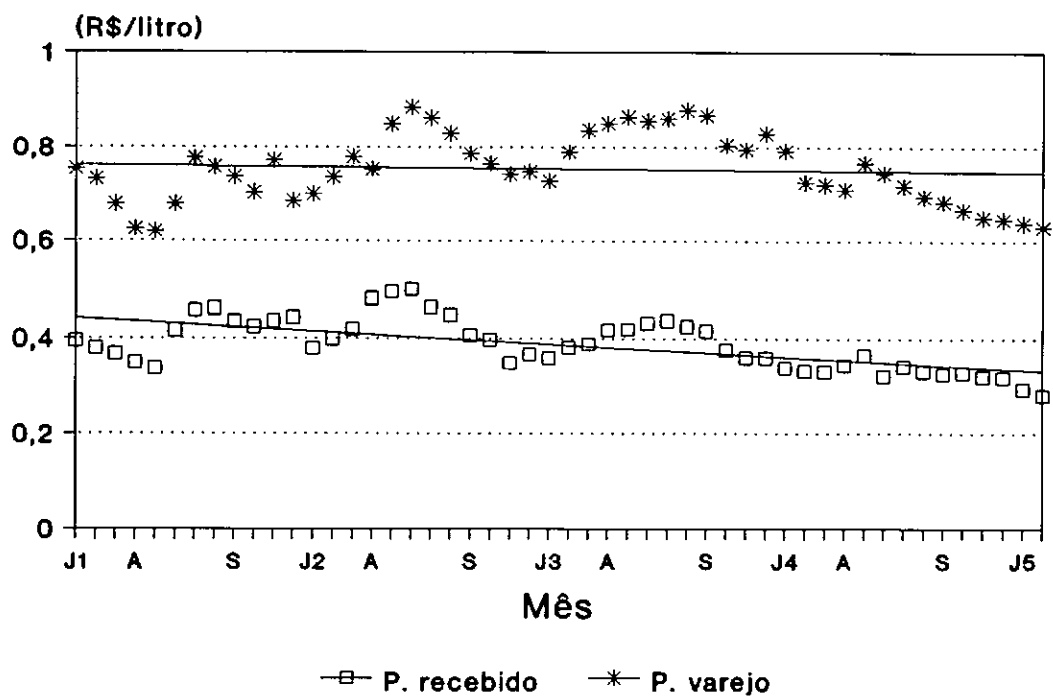


FIGURA 7 - Tendência Mensal dos Preços do Leite B, Estado de São Paulo, 1991 a 1995.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral.

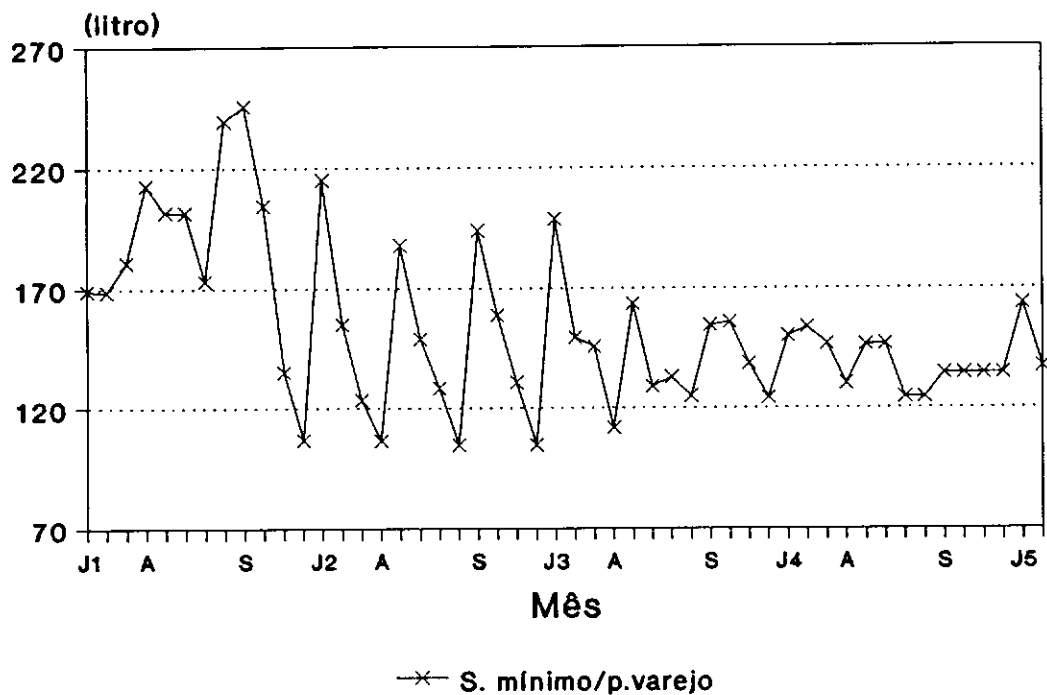


FIGURA 8 - Relação de Troca com o Leite C, Estado de São Paulo, 1991 a 1995.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral.

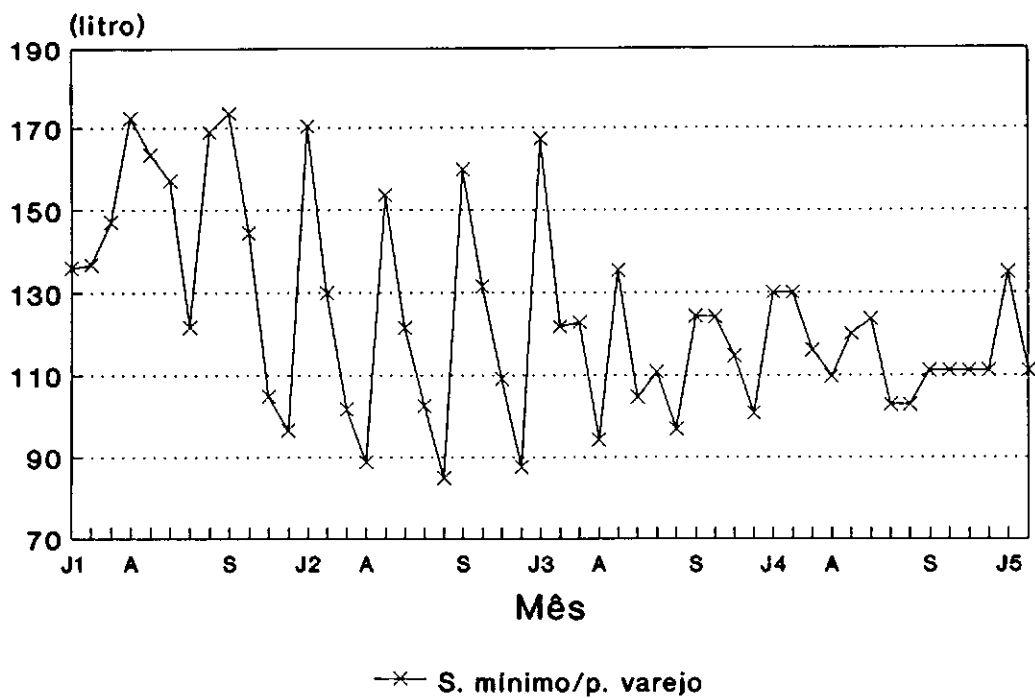


FIGURA 8 - Relação de Troca com o Leite B, Estado de São Paulo, 1991 a 1995.

Fonte: Instituto de Economia Agrícola e Coordenadoria de Assistência Técnica Integral.